

LUTA, EDUCAÇÃO E O BEM VIVER: A ASSOCIAÇÃO DOS DISCENTES QUILOMBOLAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ FRENTE À COVID-19¹

Ingrid Rodrigues da Rosa Cruz²

João Colares da Mota Neto³

Resumo: Este artigo surge de um conjunto de indagações que a pandemia da Covid-19 trouxe ao campo da educação e às populações quilombolas e tem como objetivo identificar os enfrentamentos do coletivo Associação dos Discentes Quilombolas da Universidade Federal do Pará frente à Covid-19 e seus princípios que fundamentam o Bem Viver na militância como pedagógicos. É uma pesquisa decolonial, de campo e qualitativa. Realizamos entrevista dialógica (ARIAS, 2010) e análises dialógicas (FREIRE; FAUNDEZ, 2013). Como reflexão, partimos da realidade dos/as discentes quilombolas em tempos de pandemia, identificamos que, no “novo normal”, na educação se potencializa a anormalidade da desumanização, individualismo e seletividade. Porém, o coletivo tem recriado o cenário de marginalização em um cenário de luta como processo educativo pautado em horizontes Outros de existência, ou seja, do Bem Viver na militância em enfrentamento aos ataques sofridos no contexto pandêmico.

Palavras-chave: Estudantes quilombolas; educação; Bem Viver; Covid-19.

STRUGGLE, EDUCATION AND GOOD LIVING: THE ASSOCIATION OF QUILOMBOLA STUDENTS OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF PARA IN THE FACE OF COVID-19

Abstract: This article arises from a set of questions that the Covid-19 pandemic brought to the field of education and to the quilombola populations and aims to identify the confrontations of the collective Associação dos Students Quilombola da Universidade Federal do Pará against Covid-19 and its principles that underlie the Good Living in militancy as pedagogical. It is a decolonial, field and qualitative research. We performed dialogic interviews (ARIAS, 2010) and dialogic analyzes (FREIRE; FAUNDEZ, 2013). As a reflection, we start from the reality of quilombola students in times of a pandemic, we identify that, in the “new normal”, in education the abnormality of dehumanization, individualism and selectivity is enhanced. However, the collective has recreated the scenario of marginalization in a scenario of struggle as an educational process based on horizons Others of existence, that is, of Good Living in militancy in facing the attacks suffered in the pandemic context.

Keywords: Quilombola students; education; Well Living; Covid-19.

¹ Este artigo é um recorte da dissertação de mestrado, intitulada *Luta, reexistência e educação: as pedagogias decoloniais da militância na e da Associação dos Discentes Quilombolas (ADQ/UFPA)*, que foi concluída no ano 2021 no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (PPGED/UEPA).

² Mestra em Educação pelo PPGED da UEPA. Graduada em Pedagogia pela UEPA. Integrante da Rede de Pesquisa sobre Pedagogias Decoloniais na Amazônia. Integrante do Núcleo de Educação Popular Paulo Freire (NEP/UEPA) e da Cátedra Paulo Freire da Amazônia.

³ Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEPA. Realizou estágio de pós-doutorado na Universidad de Sevilla e na Universidad de Málaga, Espanha. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Pará (UFPA), com Doutorado Sanduíche na Universidad Pedagógica Nacional de Colombia. Coordenador da Rede de Pesquisa sobre Pedagogias Decoloniais na Amazônia. Coordenador adjunto da Cátedra Paulo Freire da Amazônia.

LUCHA, EDUCACIÓN Y *BUEN VIVIR*: LA ASOCIACIÓN DE ESTUDIANTES QUILOMBOLAS (ADQ/UFPA) FRENTE AL COVID-19

Resumen: Este estudio surge de un conjunto de indagaciones que la pandemia del Covid-19 trae para el campo de la educación y para las poblaciones quilombolas. Esta investigación tuvo por objetivo identificar los enfrentamientos del colectivo ADQ/UFPA frente al Covid 19 y sus principios que fundamentan el Buen Vivir tanto en la militancia como pedagógica. La investigación se hace decolonial, también de campo y de un cuño cualitativo. Se realizó la entrevista dialogica (Arias, 2010) y los análisis dialógicas (FREIRE; FAUNDEZ, 2013). Como reflexión a partir de la realidad de los/las estudiantes quilombolas en tiempos de pandemia de Covid- 19, identificándose que la “nueva normalidad” en la educación es nada más que la potencialización de la anormalidad en que la sociedad vive de deshumanización, individualismo y selectividad. Por tanto, el colectivo ADQ/UFPA tiene recreado el escenario de crisis y marginalización, en un escenario de lucha como proceso educativo pautado en horizontes Otros de existencia, o sea, d el Buen Vivir en la militancia en enfrentamiento a los ataques sufridos por los discentes quilombolas en el contexto pandémico.

Palabras claves: Estudiantes quilombolas; educación; Buen Vivir; Covid- 19.

INTRODUÇÃO

Ao olharmos para uma esfera global, percebemos que a pandemia da Covid-19 é vivenciada em contextos existenciais diferentes, o que nos aponta a diversidade de horizontes de existência. A maneira como o vírus se comporta de país para país, de região para região, de estado para estado e de cidade para cidade é diferente, assim como as formas de enfrentamento e as políticas públicas adotadas ou construídas. Podemos atribuir tais diferenças a diversos fatores, mas destacamos no presente artigo um olhar mais profundo a um fato ontológico. A maneira como enxergamos o outro e o mundo forjam nossa maneira de ser e estar no mundo, ou seja, nossas ações em sociabilidade.

Deste modo, com base na pandemia da Covid-19 e em suas implicações ao campo da economia, política, cultura, religião e educação, é possível analisarmos como a lógica moderna/colonial/capitalista tem adoecido os seres humanos com o egoísmo, a seletividade, o individualismo, o desamor e a desumanização ao negar contextos e sujeitos que se encontram fora de tal lógica, a exemplo das populações quilombolas. Porém, entre tais sujeitos, em meio à pandemia, encontramos força, suas lutas, resistência e reexistência frente às práticas de subalternidades.

Assim, ao examinarmos como as populações quilombolas e demais coletivos sociais, vistos como marginalizados pelo olhar ontológico moderno/colonial/capitalista, vêm enfrentando a Covid-19, identificamos o quanto temos a aprender com seus integrantes ao pensarmos em

educação. Em suas estratégias de resistência, em seus princípios e organizações como coletivos de militância, é possível encontrarmos Outras lógicas de existência, o *Bem Viver*, que nos levam à reflexão de que a luta educa.

Nesse contexto, podemos perceber que o coletivo da Associação dos Discentes Quilombolas da Universidade Federal do Pará (ADQ/UFPA) tem enfrentado a pandemia em uma experiência de *Bem Viver*, contrapondo-se, assim, à lógica desumanizadora na educação e, de tal modo, vivenciando processos educativos na luta no contexto acadêmico.

A POTENCIALIZAÇÃO DA MERCANTILIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO E OS PRINCÍPIOS DE DESUMANIZAÇÃO EM TEMPOS DA COVID-19

Quando falamos em educação no Brasil, seja qual for o nível, é incontestável detectarmos os limites e contradições em relação à maneira pela qual esse processo é pensado legalmente e como se dá na prática.

Nas Leis e Diretrizes e Bases (LDB) da educação (9.394/1996), diz o Art. 3º “O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: I – igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;”. Porém, infelizmente, o que vemos no cenário educacional são as condições de desigualdades no acesso e permanência na vida escolar, pois os currículos são excludentes, os processos avaliativos se fazem, na maioria das vezes, apenas de maneira quantitativa e os diferentes contextos e condições de estudos dos educandos e educandas são desconsiderados.

Deste modo, podemos questionar o seguinte, considerando que a LDB (1996) tem por princípio de educação, promovê-la respeitando a igualdade: Por que, na prática, tal igualdade não passa de uma categoria teórica? Entre outras explicações, podemos dizer que a base da dualidade na educação se dá segundo a visão mercadológica e tecnicista, que busca por meio da educação a “modernidade” para o país. Mas, ao fazermos um exercício ontológico, podemos fazer outros questionamentos: Que modernidade é essa? Será que essa modernidade é tão benéfica, ou será que traz em seu lado oculto o fortalecimento da lógica do capital, ao desconsiderar projetos *Outros* de sociedades?

Com base em Dussel (2005), entendemos que existem dois paradigmas de modernidade: um eurocêntrico, intra-europeu, que traz o discurso desenvolvimentista, e outro subsumido, o qual aponta o lado irracional, violento e colonizador, pois em busca do “avanço”, do “progresso” se encobrem saberes, princípios, contextos *Outros* de sociabilidades.

Com efeito, há dois conceitos de “Modernidade” O primeiro deles é eurocêntrico, provinciano, regional. A modernidade é uma emancipação, uma “saída” da imaturidade por um esforço da razão como processo crítico, que proporciona à humanidade um novo desenvolvimento do ser humano. [...] Propomos uma segunda visão da “Modernidade”, num sentido mundial, e consistiria em definir como determinação fundamental do mundo moderno o fato de ser (seus Estados, exércitos, economia, filosofia, etc.) “centro” da História Mundial (DUSSEL, 2005, p. 27).

As palavras do autor evidenciam que, na educação, impera uma lógica moderna, que em busca do “avanço” (lógica capitalista), desconsidera a igualdade nas condições de ensino, em meio às diferenças. Sendo assim, será que avançar seria produzir visando ao capital, ou produtividade seria ter pensamentos e intervenções criativas diante das muitas e diferentes sabedorias que coexistem na sociedade? Tais indagações têm ganhado força nos últimos tempos e mais ainda diante do contexto mundial de pandemia da Covid-19, a qual trouxe, para o campo educacional, a potencialização da mercantilização e os desafios para os sujeitos violentados por tal desumanização.

Em Santos (2004), notamos que vivemos em uma sociedade dominante que traz uma monocultura das temporalidades e das produtividades com base na lógica moderna ocidental. Neste sentido, colonializam-se o tempo e a ação produtiva fomentando cada vez mais as relações capitalistas. Logo, o tempo deixa de ter sua concepção temporal própria, que consiste nas práticas culturais e sociabilidades de cada população, como as indígenas, quilombolas, ribeirinhas, de trabalhadores rurais etc., pois:

[...] a ideia de que o tempo linear é uma entre muitas concepções do tempo e de que, se tomarmos o mundo como nossa unidade de análise, não é sequer a concepção mais praticada. O domínio do tempo linear não resulta da sua primazia enquanto concepção temporal, mas da primazia da modernidade ocidental que o adaptou como seu (SANTOS, 2004, p.791).

Ainda sobre o mesmo assunto, podemos dizer que o tempo é mercantilizado, por ter como lógica a busca do avanço, do tecnológico, desconsiderando possibilidades Outras de tempo. Isso também impera nos processos educacionais, pois os recursos tecnológicos são pensados como estratégia de dinamizar o tempo em prol de uma educação mecânica e “bancária”, cujo objetivo é formar seres humanos qualificados para o mercado, e em contrapartida o pensar crítico e contextualizado é negligenciado. Desse modo, identifica-se a fonte da marginalização que se implica à militância.

Em muitas comunidades remanescentes de quilombos, por exemplo, o uso de computadores, redes de internet, não faz parte de suas realidades. No entanto, isso não os caracteriza

“atrasados”, mas aponta para modos *Outros* de existência que precisam ser reconhecidos e respeitados no processo educacional. O fato de não possuírem recursos tecnológicos não os torna improdutivos, pois suas produtividades se dão em Outras temporalidades, do *Bem Viver*, que “se afirma na simetria na relação entre indivíduo para com ele mesmo; entre indivíduo e sociedade e; entre indivíduo e planeta com todos seus seres [...] rompendo com a lógica capitalista e seu individualismo inerente” (ACOSTA, 2016 *apud* ALCÂNTARA; SAMPAIO, 2017, p. 3).

Diante disso, como pensar a educação em tempos da Covid-19? Que estratégias Outras podem ser pensadas em uma relação dialógica com os princípios e saberes dos coletivos sociais, dos povos tradicionais e das florestas? O que estamos presenciando na educação brasileira é que, mais uma vez, o racismo epistêmico e institucional se propaga nas “estratégias possíveis” para a educação. A razão moderna, negadora de exterioridades tem seus princípios engessados em um paradigma de educação que não consegue enxergar - nos movimentos sociais, nas educações não formais e informais dos quilombos, das aldeias indígenas, das associações de pescadores e trabalhadores rurais - princípios educativos que apontam para uma educação coletiva e crítica, não como uma nova receita, mas como um fazer dialógico que problematiza e repensa a educação.

A pandemia da Covid-19 (coronavírus) chegou em 2020 como um agente provocador nas relações sociais, econômicas, políticas, religiosas e educacionais do Brasil. Mesmo que tenha nos condicionado à necessidade de isolamento social, com os povos quilombolas e indígenas, por exemplo, aprendemos que esta pandemia não limitou a capacidade humana de exercer Outras formas de conexão ou conexões afetivas com a terra, com os rios, com as lutas diante das marginalizações que não foram isoladas pela Covid-19, mas potencializadas com o discurso do “novo normal”, tendo a reprodução da educação “bancária” em outros meios, como as plataformas digitais.

Segundo Freire (2013), a educação “bancária”, a exemplo da que vem sendo presente no “ensino remoto”, desconsidera as condições de acesso e os diferentes saberes e problemáticas dos educandos e educandas, e assim sendo, é uma educação desumanizadora pelo fato de negar suas integralidades ao se preocupar apenas com a reprodução de conteúdo.

Vemos, dessa forma, que a pandemia da Covid-19 traz para o cenário educacional a potencialização da mercantilização e da lógica capitalista existente com a justificativa do isolamento social. É importante ressaltar que o isolamento é necessário e defendido, mas não nos impede de pensarmos em estratégias inclusivas, críticas e dialógicas de educação, princípios estes defendidos e vivenciados pelos coletivos sociais como a ADQ/UFGA.

PRINCÍPIOS *OUTROS*, PEDAGOGIAS POSSÍVEIS DO *BEM VIVER* NA MILITÂNCIA

Em seu livro *Outros Sujeitos, Outras Pedagogias* Miguel Arroyo (2014, p. 25) nos provoca ao escrever “Mas o que aprender dos movimentos sociais no campo da pedagogia?”. O autor aponta que “A resposta mais contundente é que os coletivos populares se reconhecem sujeitos de conhecimento, de valores, culturas, sujeitos de processos de humanização/emancipação. Sujeitos pedagógicos produzindo Outras Pedagogias”. Partindo de sua reflexão, notamos que, para além da racionalidade universal que rege o pensar educacional, coexistem princípios *Outros* e saberes *Outros* que podemos aprender com os coletivos e grupos sociais como os quilombolas.

Como vimos anteriormente, a educação no Brasil, historicamente, traz em seus princípios categorias, marcos normativos e valores que seguem uma lógica moderna, com posicionamentos abissais de “saber/não-saber”, “avanço/atraso”, “culto/inculto” etc. Porém, entre os grupos sociais, vistos pela lógica abissal como inferiores (quilombolas, indígenas, ribeirinhos, Pessoas com Deficiência (PcD’s), entre outros.) identificamos princípios e experiências formativas que “ao afirmar-se presentes, resistentes, os coletivos sociais não apenas desvelam as formas inferiorizantes de pensá-los, mas também de pensar-se” (ARROYO, 2014, p. 321). Isso significa dizer que esses grupos não se enxergam com base em uma relação abissal, na qual são os/as inferiores, mas como seres criativos, produtivos e pedagógicos.

É possível identificarmos, diante das políticas de educação, as normatizações e intervenções pedagógicas que não dialogam com os diferentes contextos sociais. Embora façam uso de leis que trazem categorias como “igualdade”, estas são regidas por uma racionalidade de subalternidade. Deste modo:

É significativo que todas as formulações de políticas para os coletivos populares tentam se legitimar recorrendo à Constituição, às leis, à LDB, ao corpo normativo e se repetem os mesmos princípios legitimantes. Reafirma-se uma visão neutra, a-histórica desses princípios. (ARROYO, 2014, p. 328).

Com os coletivos, aprendemos que as pedagogias e os princípios de educação dominantes vêm cumprindo apenas um processo de ensino excludente e antidialógico, mas também um processo de ensino deseducador. Para Arroyo (2014, p. 327), “uma indagação urgente da história das teorias e práticas pedagógicas será entender o peso antipedagógico da construção histórica desses princípios”. Há uma construção histórica na qual se tem afirmado mais ainda tais princípios, que é observada no contexto da pandemia da Covid-19.

Diante das vivências dos grupos e coletivos sociais, vemos que, para a educação cumprir seu papel em plenitude, é preciso que seja feita em coletividade, em solidariedade. Freire (2013) chama essa forma de educar de “*educação com*” e mais, uma educação “*dos*” e “*das*” educandas, pois “para o educador humanista ou revolucionário autêntico, a incidência da ação é a realidade a ser transformada por eles com os outros homens e não estes” (FREIRE, 2013, p. 48).

A exemplo dos povos quilombolas e seus coletivos, associações e movimentos de luta popular e relações dentro das comunidades, identificamos que, em meio a cultura, memória e conflitos, processos educativos acontecem em comunhão, os quais não seguem a lógica de mercantilização da educação, mas de uma educação criativa, crítica, cidadã e solidária. Em outras palavras, são

Vivências em que aprendem outros saberes, outra história civilizatória menos neutra, menos linear. Mais tensa. Em que aprendem que essas políticas e esses padrões não são igualitários, neutros, foram produzidos para reproduzir relações políticas e sociais de produção, de apropriação da terra, do trabalho (ARROYO, 2014, p. 328).

Assim, podemos aprender com os coletivos e grupos sociais que, mesmo em meio às crises e conflitos, estratégias Outras de educação são possíveis. Estas estratégias contestam as vigentes e dominantes, pois “[...] ao trazerem suas críticas aos princípios legitimadores das políticas públicas e elas destinadas, apontam outros significados” (ARROYO, 2014, p. 332). Esses apontamentos também se dão com base em suas maneiras de sociabilidades, do *Bem Viver*.

A Covid-19 se expandiu no mundo e veio nos desafiando em diferentes esferas sociais (saúde, educação, economia, lazer, esporte, religião etc.), o que não foi diferente no contexto das populações quilombolas no Brasil, as quais já enfrentam o descaso em tais esferas sociais diante das políticas públicas em relação às comunidades remanescentes de quilombos.

Segundo a Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ), a Região Norte do Brasil é a que tem registrado o maior número de casos de óbitos pela Covid-19, um total de 44, 6% até o dia 7 de agosto de 2020, conforme os últimos dados informados no site da coordenação (ASCOM CONAQ, 2020).

O que temos percebido, na realidade, é que mesmo que a crise a qual estamos enfrentando seja a “mesma” (coronavírus), o modo de enfrentamento tem sido diferente, pois a Covid-19 não veio anular o racismo epistêmico e institucional, o descaso público e demais violências sofridas pelos/as quilombolas, pelo contrário, veio potencializá-los.

Porém, em meio às situações de conflitos, partido do *Bem Viver*, os coletivos quilombolas continuam lutando, resistindo e fazendo educação com base nas problemáticas recorrentes nas comunidades, para assim vencer a Covid-19 e fortalecer seus territórios diante dos ataques potencializados neste contexto de pandemia, como os ataques na educação, por exemplo.

Diante de tanto descaso, em coletividade e na energia de solidariedade característica do *Bem Viver* nos territórios, os/as quilombolas seguem se organizando em militância, com as lideranças e com as demais entidades quilombolas para o enfrentamento deste contexto de pandemia. Assim, com os princípios dos coletivos sociais como a solidariedade, é possível pensarmos em todos e todas as educandas e dialogarmos em prol de uma educação inclusiva, tendo na pandemia não a potencialização de violências à integridade do ser humano, mas uma situação provocativa para repensarmos as seguintes questões: Como estamos fazendo educação em nosso país? O que aprender com o *Bem Viver* em nossa Amazônia paraense?

Segundo Alcântara e Sampaio (2017) o *Bem Viver* tem sua gênese na região andina da América do Sul, surgiu menos de uma década atrás e é entendido como um horizonte de existência *Outro*. Como uma abordagem contrária à visão individualista, fundamenta-se ontologicamente no senso de comunidade, em princípios coletivos, solidários e de integração entre ser humano e Natureza, princípios estes também encontrados nas populações quilombolas da Amazônia paraense. Movidos por tais princípios que harmonizam a relação (indivíduo-sociedade-seres não humanos-Natureza), os/as quilombolas se movem em militância, na busca dessa harmonia no planeta, tal como ocorre no contexto de pandemia da Covid-19.

Neste sentido, com base no *Bem Viver* na militância, podemos nos deparar com sabedorias dos povos tradicionais e saberes que nos humanizam em *Ser Mais* (FREIRE, 2013).

APORTES PARA O CAMINHO METODOLÓGICO

Conforme informado, o presente artigo é recorte de uma pesquisa de mestrado pelo PPGED da UEPA. Discorremos, neste momento, sobre nossa inquietação diante do descaso com as populações quilombolas, seja a respeito do acolhimento diante da crise mundial (pandemia), seja em relação às estratégias voltadas para o enfrentamento aos impactos que a Covid-19 trouxe para a educação de quilombolas.

O lócus da pesquisa foi a ADQ/UFPA. Partimos do diálogo com três discentes quilombolas universitários/as associados/as à ADQ/UFPA. Para realizar o diálogo, fizemos uso de uma pesquisa *decolonial* por ontologicamente reconhecê-los como seres que pensam conforme os seus horizontes de existência (ARIAS, 2010).

Por compreendermos que esse campo teórico-metodológico é inspirado no descontentamento diante de paradigmas fechados e exclusivos de existir e estar no mundo, procuramos ouvir e dialogar com as vozes desses/as interlocutores/as, vozes estas que têm sido desconsideradas no contexto acadêmico, principalmente no cenário de pandemia. Para Arias (2010, p. 22) “una perspectiva de (re)pensamiento crítico decolonial implica portanto, un desprendimiento y descentramiento radical de los principios que han regulado y regulan la esfera del saber académico institucional y de sus prácticas éticas y políticas”.

Como tipo de pesquisa, realizamos pesquisa de campo, por compreendermos a importância de estarmos em contato com o lócus e com os/as interlocutores/as quilombolas da ADQ/UFPA, para entendermos como o coletivo vem enfrentando a Covid-19 e os impactos dessa pandemia no campo da educação. Visamos, assim, a

Aproximação do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta, mas também estabelecer uma interação com os “atores” que conformam a realidade e, assim, constrói o conhecimento empírico importantíssimo para quem faz pesquisa social (MINAYO, 2009, p. 61).

Quanto à abordagem utilizada, optamos pela qualitativa. Neste sentido, considerando a condição humana da pesquisa, preocupamo-nos com a reflexão a respeito dos dados obtidos, de acordo com a compreensão das vivências coletivas ou individuais dos/as interlocutores/as da pesquisa, pois:

[...] as pesquisas chamadas de qualitativas vieram a se constituir em uma modalidade investigativa que se consolidou para responder ao desafio da compreensão dos aspectos formadores/formantes do humano, de suas relações e construções culturais, em suas dimensões grupais, comunitárias ou pessoais (GATTI; ANDRÉ, 2011, p. 30).

Com o caráter qualitativo, há a possibilidade de ouvir as vozes dos/as discentes quilombolas da ADQ/UFPA e de refletir melhor sobre os dados referentes ao campo pesquisado.

Para a coleta de dados, fizemos uso da entrevista dialógica, visto que:

Ahí la necesidad de hablar con interlocutores, de escuchar su palabra, pues la entrevista lo que busca no es tanto información sobre determinados hechos, sino poder escuchar un discurso que los comente, que los problematice, que los compare con otros, un discurso que de cuenta del mundo representacional del otro, de su modo de mirar, de pensar, de sentir el mundo y la vida y su rol dentro de éstos (ARIAS, 2010, p. 386).

Assim, buscamos ir ao encontro dos/as interlocutores/as da pesquisa, de seus horizontes de existência, dos sentidos e significados que emitem de seus contextos como coletivo e de suas

trajetórias acadêmicas, com o objetivo de dialogar como processo também pedagógico e não para simplesmente obter dados de pesquisa.

Em relação à análise de dados, adotamos a análise dialógica com base na obra *Por uma pedagogia da pergunta* (FREIRE; FAUNDEZ, 2013). Neste livro, os autores nos provocam uma instigante experiência intelectual, pois em vez de “escrever” um livro, eles buscaram desenvolver um livro falado, cuja proposta foi dialogarem com suas experiências concretas, por exemplo, na África e na América latina.

Dessa forma, “falar” um livro a dois, a três, em muitos, rompe com o tradicional de se escrever “a sós” (FREIRE; FAUNDEZ, 2013). Foi, exatamente, o que também buscamos nesta pesquisa que foi feita com base nos diálogos com os/as interlocutores/as quilombolas. Ou seja, em vez de uma escrita solitária, buscamos uma escrita solidária, em diálogo com as falas e contribuições dos/as entrevistados/as.

Para assegurar a ética na pesquisa, entregamos aos/às interlocutores/as, de forma individual, o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e o termo de gravação de voz, para que nos fosse autorizado o uso de áudios em nossa pesquisa, visto que

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE - documento no qual é explicitado o consentimento livre e esclarecido do participante e/ou de seu responsável legal, de forma escrita, devendo conter todas as informações necessárias, em linguagem clara e objetiva, de fácil entendimento, para o mais completo esclarecimento sobre a pesquisa a qual se propõe participar. (BRASIL, 1996, p. 3).

Os nomes dos/as entrevistados/as foram mantidos em sigilo. Deste modo, nos referimos a estes/as usando nomes de comunidades quilombolas do Estado do Pará, como: *Abuí*, *Macapazinho* e *Genipaúba*, a fim de evitar a perda do caráter de humanização da presente pesquisa, pois

A importância da ética em pesquisas que envolvam seres humanos deu-se a partir da necessidade de conduzir as ações de pesquisa pelo pesquisador no desenvolvimento das mesmas, manter a segurança, o direito e a dignidade do pesquisador, mas principalmente do sujeito envolvido na pesquisa ou pesquisado, devido à imprevisibilidade das consequências de uma investigação (FERRARI; ROCHA, 2010, p. 2).

Notamos que a importância da ética na pesquisa, por seu princípio de respeito ao ser humano, é característica de pesquisas qualitativas. Sabemos que o contato com os dados da pesquisa se dá de maneira mais próxima aos/às interlocutores/as e, por isso, exige do pesquisador ou pesquisadora posturas ético-políticas, de compromisso e de respeito.

A ASSOCIAÇÃO DOS DISCENTES QUILOMBOLAS (ADQ/UFPA) FRENTE À COVID-19

Diante do contexto de políticas de ação afirmativa, desde 2013 discentes quilombolas têm acesso, por meio de Processo Seletivo Especial (PSE), aos variados cursos de graduação da UFPA. Assim, surgiu a relevância destes/as discentes se organizarem dentro da instituição visando às suas lutas e conquistas neste espaço. Por esse motivo, em 2016, foi criada a ADQ.

Desde então, a ADQ busca superar relações de violência, como o racismo institucional e epistêmico, bem como as relações interpessoais na referida instituição, entre outras lutas. Para isto, as atividades da associação ocorrem por meio de nove frentes de trabalho que são as coordenações: “Administrativa”, “Finanças”, “Secretaria”, “Projetos”, “Articulação”, “Diversidade e Gênero”, “Cultura, Esporte e Lazer”, “Formação” e “Comunicação Social”.

Sendo assim, a ADQ, carinhosamente chamada de “Quilombinho”, segue como um lugar de lutas, de conquistas e de educação, pois os princípios que *suleiam*⁴ suas atividades têm uma função também pedagógica, com base em suas estratégias de resistência e do *Bem Viver*.

Para os/as discentes quilombolas da ADQ, “as lutas têm sido por ocupar as instituições que mantêm a exclusividade do conhecimento, mas também criar seus espaços de produção e diálogos de conhecimentos produzidos na militância” (ARROYO, 2014, p. 34). Nesse contexto, realizamos a nossa pesquisa de mestrado e no presente artigo buscamos refletir sobre os resultados que apontam os enfrentamentos da referida associação durante a pandemia da Covid-19.

Como discutido neste estudo, a pandemia da Covid-19 chegou no ano 2020 provocando alterações em muitos aspectos de nossa vida, o que não poderia ser diferente para os/as discentes quilombolas da ADQ/UFPA. A Universidade, por exemplo, suspendeu suas atividades presenciais e a ADQ/UFPA também parou suas atividades na sede; em consequência deste fato, os/as estudantes precisaram voltar para as suas comunidades. Isso nos levou ao seguinte questionamento: Diante da estratégia de isolamento adotada no mundo para combater a Covid-19, o coletivo ADQ/UFPA se individualizou?

Por um lado, a pesquisa nos revela que a pandemia potencializou as problemáticas dos/as estudantes quilombolas e os ataques que já vivenciavam no contexto universitário, porém, por outro lado, potencializou o fortalecimento do coletivo ADQ/UFPA.

⁴ Termo utilizado na obra *Pedagogia da esperança*, de Paulo Freire (1992), que traz a ideia de “sular” como um contraponto à lógica de superioridade implícita no vocábulo “nortear”, o que nos leva a reflexão do “Sul” como também horizontes Outros de guia.

Ao chegarem à Universidade, os/as estudantes quilombolas trazem os princípios de suas comunidades, princípios *Outros* que nos revelam um paradigma do *Bem Viver*, que se fundamenta na harmônica relação entre indivíduo-sociedade-Natureza (tudo que compõe a Natureza, seres humanos e não humanos). Em solidariedade ativa, coletividade, respeito e perseverança, a ADQ/UFPA nos revela o *Bem Viver* na militância do coletivo e, diferentemente da lógica capitalista/meritocrata/individualista que predomina no paradigma acadêmico, a associação não se conforma com a desumanização (potencializada na pandemia) nos processos formativos no ensino superior.

Neste sentido, os resultados nos revelam os ataques que o coletivo ADQ/UFPA tem enfrentado neste contexto de pandemia e suas estratégias de luta, ataques estes que, além de ser uma resistência baseada no *Bem Viver*, são processos educativos. Ao longo dos encontros dialógicos com os/as interlocutores da pesquisa, estes/estas nos apontaram seus enfrentamentos, os quais, de forma didática, podem ser organizados em: “Isolamento na educação”, “Covid-19 e os territórios”, “Saúde física e emocional” e “Descaso com as políticas conquistadas”.

Sabemos que uma das estratégias de combate à Covid-19 é o isolamento social. Esta estratégia nos levou, no campo da educação, a revermos nossas metodologias de ensino. Para os/as estudantes quilombolas, que existem em coletividade, foi um grande desafio, mas, como diria Freire (2013), em meio a essa “situação limite”, reinventaram suas relações e continuaram a luta, bem como os seus eventos acadêmicos através dos meios de comunicação digital, como as *Lives*. No ano 2021, por exemplo, foi realizado o evento “Educação e reexistência quilombola nos territórios: contextualizando Paulo Freire, Grada Kilomba, Lélia Gonzalez e Frantz Fanon” promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/UFPA), que trouxe como protagonistas, na programação, estudantes quilombolas da Universidade e pertencentes à ADQ/UFPA.

Por meio de *Lives*, os/as estudantes apresentaram suas pautas sociais e pensamentos pedagógicos para o debate na intelectualidade, assim como problematizaram os impactos da pandemia em seus processos formativos na Universidade e em seus territórios. Ou seja, com as oralidades registradas nas *Lives*, foram realizadas produções acadêmicas.

Também em 2021, juntamente com a ADQ/UFPA e o Grupo de Educação Popular com Estudantes Quilombolas (GEPEQ) (NEP/UEPA), foi realizado o cursinho popular quilombola, no qual se organizou círculos de estudos preparatórios para o PSE-Quilombola da UFPA-2021, que contou com a participação de estudantes de doze comunidades quilombolas do Pará que pretendiam participar do Processo Seletivo Especial. Via plataformas digitais, os/as

estudantes da ADQ/UFPA (interlocutores/as da pesquisa) foram ministrantes nas aulas. Visto isto, entendemos que, no isolamento, o coletivo fortaleceu a luta, como nos diz uma de nossas interlocutoras.

A pandemia só vem intensificar o que já existia, tanto pro lado bom como pro lado ruim. Então assim, a gente acabou se aproximando ainda mais pelas redes sociais, nos grupos de WhatsApp, os estudantes sempre colocam suas dificuldades. Então, a gente já era unido, só veio aumentar (ABUÍ, 2021).

Outro enfrentamento do coletivo ADQ/UFPA é em relação aos territórios quilombolas. Ao voltarem para as suas comunidades, os/as estudantes precisaram se organizar em combate aos impactos na saúde das populações quilombolas diante do descaso do poder público em relação à assistência nesse momento de pandemia. Neste caso, ao utilizarem os conhecimentos acadêmicos e as sabedorias do *Bem Viver*, buscaram (re)criar políticas de combate, como percebemos a seguir:

Na minha comunidade, a gente tem um coletivo de jovens universitários, então a gente se organizou e aí a gente fez um processo de conscientização com os barqueiros que levam as pessoas da comunidade pra cidade, pra tentar diminuir o número de dias que eles fossem nas cidades e nos dias que eles fossem, usassem álcool em gel e máscara. Também a comunidade teve que fechar os ramais pra evitar que as pessoas entrassem, porque muitas pessoas estavam vindo pra entrar pelos ramais pro interior e aí foi muito difícil porque as pessoas estavam desrespeitando mesmo, tiravam a barragem de proteção, total desrespeito. Buscamos com os barqueiros alertar os passageiros pra evitar levar pessoas das cidades pras comunidades (GENIPAÚBA, 2020).

Diante do relato de Genipaúba (2020), vemos que os/as quilombolas universitários/as utilizam os conhecimentos acadêmicos e as sabedorias do *Bem Viver* em diálogo com a “situação-problema” (FREIRE, 2013) na qual se encontram inseridos/as, ao se importarem com a saúde de todos/as nas comunidades. Este comportamento também é percebido nas ações da ADQ/UFPA no que diz respeito ao enfrentamento na saúde física e emocional dos/as estudantes da Universidade.

Entre as ações do coletivo ADQ/UFPA, destacamos, nos resultados, as atividades de combate à Covid-19, em especial ao terem colocado a sede da associação como ponto de vacinação para quilombolas que moram em Belém, bem como as atividades de atendimento psicológico. Conforme relata um dos interlocutores:

Muitos dos nossos adoeceram com problemas psicológicos e também nós fizemos uma ação junto à universidade, com alguns alunos que têm esse conhecimento, com

professoras que dão aula na área da psicologia, para tentar fazer esses atendimentos remotos, psicológico, para os alunos e familiares e aí a gente vem trabalhando isso, o trabalho da ADQ não parou (GENIPAÚBA, 2021).

Desse modo, percebemos que os princípios de coletividade, solidariedade ativa, respeito e perseverança são ontologicamente presentes nas relações dos/as discentes quilombolas. Em *Bem Viver*, por exemplo, buscam lutar em favor do coletivo, não se acomodando com os descasos diante das problemáticas que insurgem no contexto acadêmico. Essa luta também se deu em relação às políticas já conquistadas na Universidade e que foram atingidas no contexto de pandemia, como o PSE-Quilombola e as bolsas de auxílio e permanência.

Diante dos impactos da pandemia, o PSE para quilombolas quase ficou suspenso, porém o coletivo ADQ/UFPA lutou para a sua realização. Assim como ocorreu com o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e desde que cumpridas as medidas de proteção contra a Covid-19, não havia justificativa para a suspensão do PSE-quilombola. Deste modo, os/as estudantes quilombolas conseguiram não apenas a realização do Processo Seletivo em 2021, mas também a ampliação dos locais de aplicação de prova para em Belém, Abaetetuba e Soure. Foram lutas que obtiveram conquistas, como vemos a seguir:

A Coordenação Executiva da Associação dos Discentes Quilombolas da UFPA informa que após diálogos com a Instituição foi aprovado na reunião do CONSEPE desta tarde, 06/07, o EDITAL que versa sobre o Processo Seletivo Especial para ingresso de indígenas e quilombolas na UFPA.

Nossa participação no CONSEPE oportunizou a defesa intransigente pela ampliação dos locais de aplicação de prova, na qual tivemos uma significativa vitória na inclusão de Abaetetuba e Soure que não estavam na minuta proposta.

Temos ciência dos tempos em que vivemos, bem como que nossas comunidades já receberam a primeira e/ou a segunda dose da vacina contra a COVID-19. Nosso compromisso maior é com a VIDA de nosso povo, e a Luta é necessária para garantir uma existência minimamente digna.

O acesso de nossos Discentes à Universidade se faz essencial para fortalecimento de nossa resistência (ASSOCIAÇÃO DOS DISCENTES QUILOMBOLAS, 2021).

Outra política atingida com a pandemia e que o coletivo reagiu foi em relação às bolsas auxílio e permanência estudantil, que sofreram alterações por parte do governo Bolsonaro neste período pandêmico, como relata um dos interlocutores:

Esse governo nos prejudica muito, alguns decretos com os bolsistas, algumas coisas estão mudando em relação à bolsa, mas a gente tá na luta, e que não é só dentro da universidade como estudante, mas em uma dimensão nacional. Por isso que assim, a ADQ tem um papel fundamental pra essa luta, porque em atos políticos, vamos até em Brasília pra representar a classe dos estudantes quilombolas (MACAPAZINHO, 2021).

Podemos perceber, assim, que a luta do coletivo ADQ/UFPA além de ser a força do quilombo na Universidade, em resistência, é também um processo educativo, no qual se aprende com as repolitizações dos princípios (em dimensões ontológicas, éticas, políticas e estéticas) das populações quilombolas que se fundamentam no *Bem Viver*, pois em militância diante dos enfrentamentos pertinentes ao contexto acadêmico, se afirmam sujeitos políticos e pedagógicos de “Outras pedagogias” (ARROYO, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente artigo, buscamos identificar os enfrentamentos do coletivo ADQ/UFPA frente à Covid-19 e seus princípios que fundamentam o *Bem Viver* na militância como pedagógicos. Uma relação dialógica com os/as discentes nos permitiu identificar que mesmo em meio à crise da Covid-19, o espírito de resistência faz com que o coletivo ADQ/UFPA busque, nesse momento, (re)criar horizontes *Outros* e estratégias *Outras*, em uma experiência pedagógica de repolitização de seus princípios.

Mesmo com os ataques que o coletivo sofreu com o cenário pandêmico, seja em suas comunidades, seja na Universidade, notamos que os/as quilombolas se fortaleceram em seus princípios pautados no *Bem Viver*. Dessa forma, buscaram garantir suportes para a saúde física e emocional dos/as discentes quilombolas, bem como as políticas conquistadas na Universidade, não se acomodando com os descasos e desrespeitos com as populações quilombolas. Percebemos que, com a pandemia, os ataques se intensificaram, vindo de todos os lados, mas os/as estudantes quilombolas, em coletividade, solidariedade, respeito e perseverança seguem na luta.

Para finalizar, podemos levantar outras provocações: Quais são as experiências educativas da militância e dos coletivos sociais presentes no âmbito universitário? Como os/as quilombolas projetam o espaço universitário? Que horizonte de existência podemos aprender com o *Bem Viver* das populações quilombolas? Levantamos tais indagações com a intenção de alimentar o debate que não se conclui neste artigo.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Liliane Cristine Schlemer; SAMPAIO, Carlos Alberto Cioce. Bem Viver: uma perspectiva (des)colonial das comunidades indígenas. **Revista Rupturas**, Costa Rica, Jul-Dic, n. 7, 2017. Disponível em: https://www.scielo.sa.cr/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2215-24662017000200001. Acesso em: 13 jan. 2022.

ARIAS, Patricio. Guerrero. **Corazonar**: una antropología comprometida com la vida miradas otras desde abya-yala para la decolonización del poder, del saber y del ser. Quito - Ecuador: Abya –Yala, 2010.

ARROYO, González Miguel. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2014.

ASCOM CONAQ. Covid-19: alastramento da doença contamina mais 4 mil quilombolas e mata 148. **Portal CONAQ**, [S.l], n. 1, [np], ago. 2020. Disponível em: <http://conaq.org.br/noticias/boletim-epidemiologico-07-de-agosto/>. Acesso em 23 de ago. 2020.

ASSOCIAÇÃO DOS DISCENTES QUILOMBOLAS. **Vacinação contra Covid-19**. Belém, 26 de mai. 2021. Facebook: Quilombolas Adq ufpa. Disponível em: <https://www.facebook.com/100009580986148/posts/2805781046417901/?app=fbl>. Acesso em: 01 ago. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília, DF, 1996.

(____). Ministério da Saúde. **Normas para pesquisa envolvendo seres humanos (Res. CNS nº. 196/96 e outras)**. Brasília, DF, 2003.

DUSSEL, Enrique. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires, Argentina: Colección Sur Sur CLACSO, 2005, (p. 24-32)

FERRARI, Rosane de Fátima; ROCHA, Janimara. Da ética a ética em pesquisa envolvendo seres humano. **Revista de Ciências Humanas**, Frederico Westphalen – RS, n. 16, jan. 2010. Disponível em: revistas.fw.uri.br/index.php/revistadech/article/download/330/597. Acesso em: 07 ago. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um encontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 55. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GATTI, Bernadete Angelina; ANDRÉ, Marli. A relevância dos Métodos de Pesquisa em Educação no Brasil. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle. **Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 30-31.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. (org.) **Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências Revisitado**. São Paulo: Cortez, 2004, (p. 777-813).